

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do percurso insistimos em algumas idéias centrais do pensamento de Ratzinger. Algumas reflexões foram retomadas sempre de novo, para ressaltar sua importância e mostrar a vinculação dos diversos temas através das três palavras-chaves: fé, verdade e razão.

Demonstramos que a fé é o ato de o ser humano firmar-se na realidade como um todo, sem que esse ato seja redutível ao conhecimento, por ser incomensurável em relação ao conhecimento. Trata-se, portanto de um ato humano e de um conhecimento de Deus que não é unicamente intelectual, mas vital. A fé permite um saber autêntico sobre Deus, que abrange toda a pessoa humana: é um “saber”, ou seja, um conhecer que confere sabor à vida, um novo gosto de existir, um modo jubiloso de estar no mundo. Este saber permite conhecer toda a realidade, para além das perspectivas limitadas do individualismo e do subjetivismo que desorientam as consciências. É um conhecimento que implica um caminho intelectual e moral: uma abertura aos verdadeiros valores da existência.

Ratificamos que, para Ratzinger, a fé é uma atribuição de sentido que é anterior ao calcular e ao agir do ser humano, ou seja, ela é um movimento da existência como um todo, um firmar-se sobre um sentido não produzido, mas recebido. Portanto, a fé refere-se àquela dimensão que dá sentido à existência humana. E isto é fundamental porque o ser humano não consegue viver somente da factibilidade, pois como ser humano e na sua essência humana autêntica ele vive do amor, do sentido.

Em última instância, a fé é a adesão ao primado do invisível e do real verdadeiro que nos sustenta e que, por isso mesmo, nos capacita a enfrentar o visível com serenidade plácida, numa atitude de responsabilidade ante o invisível como verdadeiro fundamento de todas as coisas. Por isso, ela não pode nem deve ser um produto da reflexão, pois não é um conhecimento doutrinal, mas *confiança existencial*. Não a recebemos por meio de raciocínios, mas pela escuta da Palavra, por isso é certo dizer que é próprio da fé a primazia da Revelação ante a reflexão.

Assinalamos também que no mundo da técnica, que é uma criação do próprio homem, não há espaço para Deus. O ser humano projeta e decide seu futuro, estabelece suas leis e prorroga para si um sentido. Concede primazia à experiência como critério de juízo e validade. Assim como não mais extrai seus critérios morais de uma reflexão sobre a Criação ou sobre o Criador, fazendo também da moral um mero problema de cálculo. Tal escolha de vida é frágil e insuficiente, pois não dá sustento real à existência. Tudo é coisificado, até mesmo o ser humano é visto sob a ótica utilitarista, compreendido por visão individualista. Não há mais valores, mas um predomínio do relativismo, um domínio da maioria.

A estrutura fundamental que sustenta tal percepção do mundo é o factível e o modo de sua certeza é o calculável. No entanto, a fé visa um plano totalmente diferente daquele em que se situam o fazer e a factibilidade, pois ela é essencialmente confiança naquilo que não foi feito por nós e que jamais poderá ser feito e que, nessa condição, sustenta e possibilita tudo o que fazemos.

No contexto das filosofias neo-marxistas e positivistas há uma subordinação da verdade à práxis, um reducionismo antropológico, a preeminência do método sobre o conteúdo, domínio da sociologia, um primado das experiências, entre outros fatores que corroboram decisivamente para a crise da fé, isto é, para o fechamento ao transcendente, para a dissolução de vínculos metafísicos. Lentamente, a fé já não vai mais sendo apresentada como um todo orgânico em si mesmo, mas apenas, como uma seleção de momentos reflexos de experiências antropológicas parciais, que conduzem o ser humano, em última instância, a não mais ter confiança na totalidade da fé.

A secularização que emana deste contexto, isto é, a formação de uma humanidade muitas vezes sem referência à Transcendência, impregna todos os aspectos da vida cotidiana e desenvolve uma mentalidade em que Deus se tornou total ou parcialmente ausente da existência e da consciência do homem. No entanto, o Cristo da fé é Deus-Conosco, é nosso Contemporâneo.

Na cultura onde predomina o individualismo, o secularismo, o relativismo, já não há necessidade de Deus, nem pensar nele ou voltar-se para Ele. Há sim um predomínio da mentalidade hedonista e consumista que favorece uma superficialidade e um egocentrismo que prejudica a vida. Mas onde Deus é

negado, dissolve-se a dignidade do homem, por isso Ratzinger mostra que o Deus cristão é um Deus que entrou, por força da sua encarnação, na História dos homens: porque Ele veio ao encontro dos homens, os homens podem ir ao Seu encontro. Um Deus que não é indiferente a dor humana, a vida humana.

Ratzinger, diante de todo este provocador contexto sócio-cultural elencado brevemente, promove uma reflexão renovadora que parte do próprio conceito da fé, de sua abertura ao transcendente e sua visão antropológica positiva. A fé é a antecipação do atualmente inacessível; ela o alcança em nossa vida e a conduz a transcender-se a si mesma, compreendendo o ser humano como ser aberto para além de si mesmo, nunca como uma mônada.

Demonstra também que a fé cristã não pode ser reduzida a um mero nível setorial, ao âmbito subjetivo, pois ela existe precisamente para integrar o homem na totalidade do seu ser, para relacionar o entendimento, a vontade e o sentimento e responder ao desafio da vida e da morte, do eu e da comunidade, do presente e do futuro, do homem e do mundo.

Insistimos ainda na idéia de que a fé não é uma simples adesão a um conjunto completo de dogmas, nem mesmo que tenha relação o supersticioso, o irracional, o mágico, que são formas mórbidas do fenômeno religioso, mas pertence ao âmbito da verdade, pois é a opção para a prioridade da razão e do racional. Crer é razoável. A fé cristã mostra que o ser humano não pode ser sustentado somente pelo que é visível e tangível, pelo mensurável, por isso a fé o impele a uma abertura decisiva para o Logos, um encontro com Cristo, com o *sentido*, com a própria verdade. O cristianismo não é sentimento, nem pode se apoiar nas paixões, ficando por isso desprovido da força da razão. O cristianismo não é a religião do sentimento, mas da razão, da verdade, do amor, do encontro. Esta é a intuição fundamental: fé é um encontro com o Cristo, Pessoa viva que dá à vida um novo horizonte e com isto direção decisiva.

O ato de fé é a resposta do homem à Revelação de Deus, que se faz conhecer, que manifesta o seu desígnio de benevolência; é deixar-se prender pela Verdade que é Deus, uma Verdade que é Amor. Verdade e amor se identificam. Sem a verdade, o amor seria cego. A verdade permite que o amor seja real e não estático ou acrítico. Por isso, a questão da verdade é essencial para a fé cristã. Jesus Cristo não comunicou simplesmente um conjunto de verdade, mas se autocomunicou a nós, até ser um de nós, a encarnar-se.

Mostrou ser a Verdade. A verdade, portanto, não é patrimônio de nenhuma nação, raça ou civilização, porque é patrimônio da humanidade, é universal, como é universal o Cristianismo.

A fé encontra correspondência na natureza do homem. O homem possui uma dimensão mais ampla que aquilo que Kant e as várias filosofias pós-kantianas lhe têm atribuído. No homem, há um desejo inextinguível de infinito. Nenhuma das respostas que se procuraram é suficiente; só Deus que se tornou finito, para romper a nossa finidade e conduzi-la à dimensão da sua infinidade, é capaz de vir ao encontro das exigências do nosso ser.

No encontro que a fé proporciona o ser humano não perde sua personalidade, mas entra numa relação íntima com a pessoa de Cristo, entra em relação com o Tu de Cristo, e assim o Eu não se perde, mantém a sua identidade e responsabilidade. Ao encontrar, abre-se, entra numa unidade mais profunda, a unidade do amor, que não destrói. Unidade não só com o divino, mas com a comunidade dos que crêem, pois ninguém crê sozinho.

Assim como não podemos acreditar isoladamente, mas só em comunidade, também não podemos acreditar por vontade própria, por nossa própria iniciativa, mas só através dum mandato que nos transmite a fé, um mandato que não depende de mim, mas que me precede. Uma fé inventada é uma contradição em si mesma. A fé só é pessoal se for também comunitária. Só pode ser “minha” se viver e se mover no “nós” da Igreja.